

FALA, VITÓRIA! - A VARIAÇÃO DO IMPERATIVO EM VITÓRIA/ES E SUA POSIÇÃO NO CENÁRIO NACIONAL

Elaine Meireles Evangelista*

Resumo: Este artigo analisa os resultados sobre a alternância no uso do imperativo gramatical na cidade de Vitória/ES, no que diz respeito às formas contemporaneamente associadas ao modo indicativo (*fala/olha/deixa/diz*) ou ao modo subjuntivo (*fale/olhe/deixe/diga*) em enunciados afirmativos e negativos da fala e da escrita, no contexto exclusivo do pronome *você*. Foram utilizados quatro *corpora*, a saber: (1) entrevistas do projeto “Português Falado na Cidade de Vitória - PortVIX”, da Universidade Federal do Espírito Santo - diálogos de língua falada; (2) propagandas e títulos de colunas em dois jornais impressos locais, *A Tribuna* e *A Gazeta* – escrita sem formato de diálogo; (3) tirinhas de *Marly, a solteirona*, personagem capixaba criada pelo cartunista e escritor Milson Herinques há mais de 30 anos – escrita com formato de diálogo; e (4) fala da mídia televisiva em dois programas locais, *Balanço Geral* e *Tribuna Notícias*. Esses *corpora* nos deram uma visão mais ampla das tendências, já observadas em outras pesquisas, acerca da variação e da mudança do imperativo no português brasileiro. O principal objetivo deste estudo é verificar qual o alinhamento do uso do imperativo da cidade de Vitória no contexto nacional e também contribuir para o mapeamento do imperativo no Brasil.

Palavras-chave: Imperativo. Variação Linguística. Sociolinguística.

Abstract: This paper analyzes results on the alternation of imperative forms in the city of Vitória/ES, contemporaneously associated with indicative variant (*fala 'speak' / olha 'look' / deixa 'let' / diz 'say'*) or with subjunctive variant (*fale 'speak' / olhe 'look' / deixe 'let' / diga 'say'*) in affirmative and negative clauses both in speech and writing varieties on the context of the pronoun *você 'you'*. Four *corpora* were analyzed, namely: (1) interviews from PortVIX (Portuguese Spoken in the City of Vitória) project, dialogues of spoken language; (2) non-dialogical written advertising text and column headlines in two local newspapers, *A Tribuna* and *A Gazeta*; (3) comics of *Marly, the spinster*, a local character created by cartoonist and writer Milson Herinques over 30 years ago – written in dialogue format; and (4) television media speech in two local TV broadcasts, *Balanço Geral* and *Tribuna Notícias*. Such *corpora* gave us a wider view of tendencies already noticed in other investigations about variation and change of the imperative forms in Brazilian Portuguese. The main goal of this study is to verify the alignment of the imperative variation in the city of Vitória in the national context and also to contribute towards mapping the use of imperative forms in Brazil.

Keywords: Imperative forms. Linguistic Variation. Sociolinguistics.

* Meireles Evangelista, Elaine. Centro de Ciências Humanas e Naturais. Departamento de Letras. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Vitória/ES, Brasil. Email: meirelesevangelista@hotmail.com. Orientação: Prof.^a Dr.^a Marta Scherre.

Introdução

A língua permeia toda a vida social e, em função disso, é naturalmente dinâmica, apresentando variedades que se manifestam e se desenvolvem em diferentes contextos de usos. Essa é a concepção da Sociolinguística Variacionista, modelo teórico que nasceu da tentativa de se compreender a relação entre língua e sociedade e por isso se ocupa da observação e análise de fatores estruturais e sociais que motivam as formas distintas ou variantes de uso da língua. A Teoria da Variação concebe a língua como um sistema heterogêneo e variável. Nessa abordagem, os estudiosos analisam a variação e a mudança linguísticas e sua correlação com os fatores linguísticos e sócio-culturais.

Assim, à luz da Sociolinguística, analisamos a variação de uso do imperativo gramatical no português na cidade de Vitória/ES, no que diz respeito às formas contemporaneamente associadas ao modo indicativo (*fala/olha/deixa/diz*) ou ao modo subjuntivo (*fale/olhe/deixe/diga*) em enunciados afirmativos e negativos no contexto exclusivo do pronome *você*. Nosso principal objetivo é verificar qual é o alinhamento do uso do imperativo da cidade de Vitória no contexto nacional e também contribuir para o mapeamento do imperativo no Brasil, haja vista a escassez de estudos sociolinguísticos no estado do Espírito Santo. A expectativa é a de que os dados do PortVIX evidenciem alinhamento da fala de Vitória com a de outras partes da região Sudeste, que privilegiam a forma contemporaneamente associada ao indicativo no contexto do pronome *você* (*fala/olha/deixa/diz*).

Os estudos da variação do imperativo em algumas localidades brasileiras revelam o distanciamento entre a norma gramatical e o uso do imperativo, observando que essa variação aponta para uma mudança linguística, tendo em vista que, diferentemente do registro da tradição gramatical, formas imperativas associadas ao indicativo (*fala/olha/deixa/dá/vem*) ocorrem amplamente em contexto de uso do pronome *você*. Exemplos da fala capixaba, abaixo, ilustram a variação já observada por diversos outros pesquisadores com a análise da fala de outras localidades:

- (1) “**DESLIGA** a luz menino”
- (2) “**SOLETRA** pra mim!”
- (3) “**OLHE** eu vou dizer uma coisa pra você”
- (4) “**OLHA** só hoje em dia tá bem”.

- (5) “[...] sai daqui menino **DEIXA** estudar”
- (6) “**DEIXA** eu te perguntar”.
- (7) [...] “tô vivo aqui, tô conversando com a senhora numa boa, **DÁ** licença”.
- (8) “**DÊ** pra alguém criar... sei lá entendeu?”.
- (9) “**VEM** cá **ASSINA** aqui”.
- (10) “Porque não **VENHA** me dizer que quem ganha salário mínimo vive bem não”.
- (11) “depois não **FALA** que eu não avisei”
- (12) “nunca **PEGA** aquelas verduras que tá com manchinha”
- (13) “não **REAGE** não”

O uso do imperativo não tem se revelado como marca de diferenças sociais. Entretanto, o aspecto geográfico tem sido visto como decisivo para o entendimento da alternância das formas do imperativo, ora mais associadas ao indicativo (*fala/olha/deixa/dá/vem*), ora mais associadas ao subjuntivo (*fale/olhe/deixe/dê/venha*). Esse recorte geográfico é um fato atestado por pesquisas já realizadas por Scherre et alii (1998); Sampaio (2001); Cardoso (2004); Lima (2005); Jesus (2006); Scherre (2003, 2004). Os resultados dessas pesquisas associam, predominantemente, a forma subjuntiva à região Nordeste e a forma indicativa às regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Além disso, revelam que há uma grande variação do imperativo em entrevistas labovianas e em outras situações de interação real, enquanto na escrita sem formato de diálogo¹, a tendência é a predominância do subjuntivo, o que segundo Scherre et alii (1998) se deve a uma questão sintática, pois esta forma garantiria uma interpretação adequada do imperativo. Já na escrita com formato de diálogo, há uma grande variação do imperativo que aponta para a incorporação de uma nova norma que se distancia da norma oficial: o uso do imperativo associado ao indicativo em contexto exclusivo de pronome *você*. Isso se deve ao fato de essa variação não sofrer estigma social, como evidenciam os estudos feitos em peças teatrais por Sampaio (2004) e em revistas em quadrinhos por Scherre (2003; 2004; 2008) e

¹ O uso do termo “escrita sem formato de diálogo” utilizado neste trabalho se refere ao conceito de tipologia textual. Nesse sentido, alguns textos reproduzem sequências textuais de situações conversacionais (ADAM apud BRONCKART, 2007). Embora a escrita sem formato de diálogo seja a forma mais frequente, aqui essa distinção se faz necessária para diferenciarmos o conceito bakhtiniano de dialogismo, que diz que a linguagem é constituída de dialogismo e, conseqüentemente, sempre há uma relação dialógica; portanto, todo gênero é dialógico (BAKHTIN, 2000); do conceito que assumimos como “escrita com formato de diálogo”, no qual consideramos a escrita que tenta reproduzir situações da oralidade por meio de ícones ou símbolos que remetam à situações de fala em que há troca de turnos entre emissor e receptor, mesmo que este não seja estritamente determinado.

Andrade, Melo & Scherre (2007), por exemplo. Com base nos resultados desses estudos, procuramos analisar a escrita sem formato de diálogo e a escrita com formato de diálogo.

Nossa amostra de escrita sem formato de diálogo se constitui de propagandas e títulos de colunas em dois jornais impressos locais, *A Tribuna* e *A Gazeta*. A análise da escrita com formato de diálogo foi feita com amostras das tirinhas de *Marly, a solteirona*, personagem capixaba criada pelo cartunista e escritor Milson Herinques há mais de 30 anos e veiculada diariamente no jornal *A Gazeta*. Essa análise tem por objetivo verificar se houve mudança na escrita e se esse tipo de escrita reflete a fala capixaba.

Finalmente, nossa pesquisa buscou analisar a mídia local tendo como amostra dados de dois jornais televisivos locais, *Balanço Geral*, da Rede Vitória filiada à Rede Record, e o *Tribuna Notícias*, filiado ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Apesar de ambos serem telejornais, os programas em questão são de estilos, ou tipos, diferentes: o *Balanço Geral* tem um formato de telejornalismo mais popular, com características de cunho mais comunitário, mais informal; o *Tribuna Notícias* é um telejornal com formato mais tradicional, embora haja quadro de assistência ao telespectador. O estudo sobre o uso do imperativo gramatical na mídia televisiva se deu por considerarmos a televisão o meio de comunicação mais difundido e acessível à população brasileira e por ser ela uma propagadora das tendências em vários aspectos sociais, incluindo a linguagem utilizada pela comunidade em que ela se insere.

A esse respeito, Labov (2008, p. 246) diz que é possível conseguir dados sistemáticos com as transmissões dos meios de comunicação de massa, rádio e televisão, embora nestes o falante monitore a fala, pressionado pelo evento comunicativo. Quanto ao discurso jornalístico, segundo Marcuschi (2003), esse se configura como um domínio discursivo, não podendo ser considerado nem texto nem discurso, mas sim uma prática discursiva dentro da qual é possível identificar uma variedade de gêneros textuais.

Desta forma, esses contextos são geralmente mais formais que as entrevistas face a face, o que os tornariam mais próprios ao uso do imperativo associado ao subjuntivo.

Fundamentação teórica e instrumental quantitativo

O aparato teórico a ser utilizado serão os pressupostos da Teoria da Variação Linguística de base laboviana, que surgiu nos Estados Unidos na década de 1960 com os estudos pioneiros de Weinreich; Labov; e Herzog (1968) e de William Labov (1975).

A Sociolinguística Variacionista aborda o estudo da linguagem no contexto social, considerando que a relação entre língua e sociedade é intrínseca, de modo que não deve ser questionada, pois a história da humanidade se construiu sobre e a partir de um sistema de comunicação oral. Sendo a língua uma instituição social, ela não pode ser estudada fora do contexto em que é utilizada como meio de comunicação. Os estudos de Willian Labov na Ilha de Martha's Vineyard nos Estados Unidos, em 1963, contribuíram para evidenciar a importância da influência de fatores sociais para o entendimento do processo de variação e das mudanças linguísticas. O resultado desse estudo evidenciou que fatores sociais e linguísticos estão intimamente relacionados e, portanto, não devem ser desconsiderados em uma análise que pretende entender os fatores condicionantes e motivadores tanto da variação quanto da mudança linguística, além de explicar de que forma estes fatores se correlacionam e que pressão exercem sobre o sistema linguístico.

Com a publicação do livro *“Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística”*, em 1968, Weinreich, Labov e Herzog lançam os princípios para uma teoria da mudança linguística com base em fatos observados empiricamente em pesquisas anteriores. As conclusões alcançadas por estes estudiosos representam um marco para os estudos sobre a mudança linguística em comunidades contemporâneas.

A Teoria Variacionista tem como objetivo sistematizar a heterogeneidade, considerando que esta não é aleatória, pois as escolhas que o falante faz são aquelas dentro das possibilidades permitidas pelo próprio sistema. Assim, o papel da Sociolinguística é correlacionar as variações que ocorrem na expressão verbal com as diferenças sociais, considerando que tanto no domínio linguístico quanto no social os fenômenos são estruturados e regulares, ou seja, as variações não são resultados aleatórios de usos arbitrários da língua, e sim um uso sistemático e regular desta propriedade inerente aos sistemas linguísticos, a variação. Dessa forma, a mudança linguística deve ser estudada com base na concepção de que é possível descrever e analisar sistematicamente as formas distintas de uso de uma determinada língua, considerando-se que “[...] o domínio de um falante nativo [*nativelike command*] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o ‘mero’ desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 36)².

² Cf. original: “We will argue that nativelike command of heterogeneous structures is not a matter of multidialectalism or ‘mere’ performance, but is part of unilingual linguistic competence” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 101).

Neste estudo, para o tratamento quantitativo, os dados foram submetidos ao programa *Varbrul*, em especial ao *Goldvarb X* (PINTZUK, 1988; SANKOFF, 1988; SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005; MOLLICA & BRAGA, 2003; TAGLIAMONTE, 2006; GUY & ZILLES, 2007). Esse programa fornece, por meio de frequências e pesos relativos, a relevância estatística dos resultados obtidos. De acordo com Sankoff (1988, p. 25), Tagliamonte (2006), Guy & Zilles (2007) e Scherre & Naro (2007, p.164), os pesos relativos fornecem informações sobre o efeito de cada fator em relação às variantes da variável dependente, ao efetuarem cruzamentos entre os grupos de fatores postulados³. Dados que apresentam efeito categórico devem ser excluídos da análise quantitativa para a geração dos pesos relativos, que são calculados somente em contextos variáveis. Porém, esses dados devem fazer parte da análise linguística, uma vez que podem indicar início ou fim de uma mudança, sendo, portanto, linguisticamente significativos.

O imperativo gramatical na cidade de Vitória

Em nossa pesquisa, utilizamos quatro corpora para analisar o uso do imperativo na cidade de Vitória/ES constituído de 34 entrevistas do projeto “Português Falado na Cidade de Vitória - PortVIX”, da Universidade Federal do Espírito Santo – entrevistas labovianas (YACOVENKO, 2003); propagandas e títulos de colunas de dois jornais impressos locais, *A Tribuna* e *A Gazeta* – escrita sem formato de diálogo; tirinhas de *Marly, a solteirona*, personagem capixaba criada pelo cartunista e escritor Milson Herinques há mais de 30 anos – escrita com formato de diálogo; e fala da mídia televisiva em dois programas locais, *Balanço Geral* e *Tribuna Notícias*.

Nossos resultados confirmaram algumas tendências já reveladas em estudos anteriores sobre a alternância de uso do imperativo gramatical no português brasileiro. Sendo assim, a seguir, relataremos os resultados mais expressivos de nossa pesquisa e os que confirmam essas tendências.

Tendo em vista nosso objetivo de verificar qual a posição da cidade de Vitória no cenário nacional, consideramos oportuno e relevante fazer uma análise comparativa entre as capitais Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA. Esse interesse se justifica pelo fato de o estado do Espírito Santo estar situado geograficamente, seguindo a linha do litoral, entre

³ O programa oferece um nível de significância (*threshold*) em que um peso relativo menor que 0,05 é desfavorecedor e maior que 0,5 é interpretado como favorecedor do imperativo associado ao indicativo.

estados antagônicos no diz respeito ao uso do imperativo gramatical: os estados do Rio de Janeiro e o da Bahia, região Sudeste e região Nordeste, respectivamente.

Para explicitar este antagonismo, faremos uma comparação dos nossos resultados com os resultados obtidos na pesquisa empreendida por Sampaio (2001): “*Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*”, em que analisou dados de fala das cidades do Rio de Janeiro/RJ e de Salvador/BA (TABELA 1 e GRÁFICO 1).

TABELA 1 - FREQUÊNCIA DE USO DO IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA (FALA/VEM) – DADOS DE FALA DAS CIDADES DE VITÓRIA/ES (EVANGELISTA, 2010), RIO DE JANEIRO/RJ E SALVADOR/BA (DÉCADA DE 90/SÉC.XX) (SAMPAIO, 2001)

Localidade	Nº de ocorrências/Total	Porcentagem
Vitória/ES – Sudeste	260/266	97%
Rio de Janeiro/RJ – Sudeste	243/258	94%
Salvador/BA – Nordeste	136/479	28%

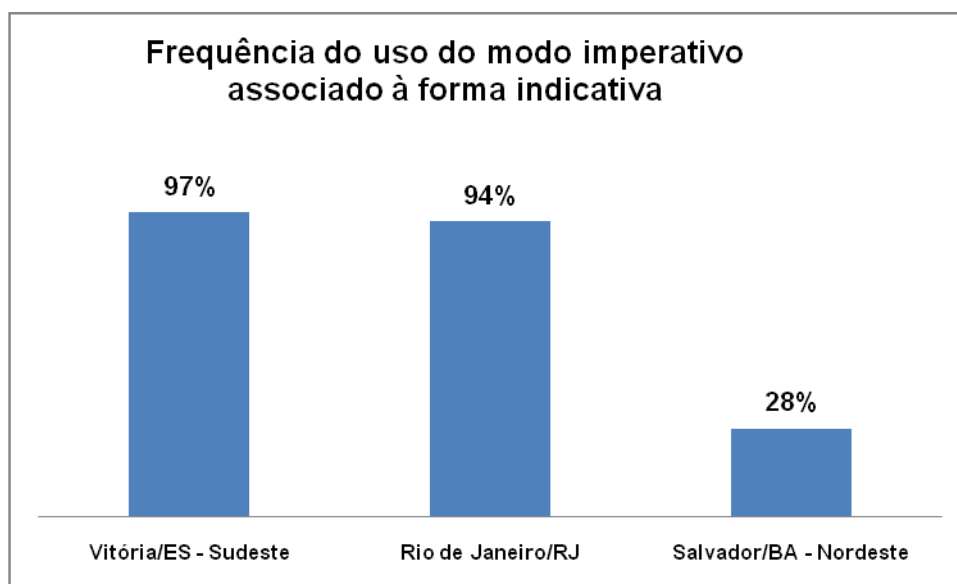


GRÁFICO 1 – FREQUÊNCIA DE USO DO IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA (FALA/VEM) – DADOS DE FALA DAS CIDADES DE VITÓRIA/ES (EVANGELISTA, 2010) E RIO DE JANEIRO/RJ E DE SALVADOR/BA (DÉCADA DE 90/SÉC.XX) (SAMPAIO, 2001).

O resultado obtido em nossa pesquisa mostra o perfeito alinhamento de Vitória/ES com o Rio de Janeiro/RJ: em ambas as cidades os percentuais indicam um estágio de mudança

adiantado, devido à quase categoricidade no uso do imperativo associado à forma indicativa. É interessante observar que, apesar de a cidade de Salvador usar basicamente o pronome *você*, e não o *tu*, como pronome de segunda pessoa do singular, o percentual de imperativo associado à forma indicativa é 28% na capital da Bahia, muito diferente do encontrado da capital do Espírito Santo, que também é contexto exclusivo de *você*. Esse percentual suscita uma curiosidade a respeito do uso do imperativo nas cidades do Espírito Santo que fazem fronteira com o estado da Bahia, curiosidade esta que pode ser satisfeita com pesquisas futuras.

Em relação a outras capitais, os resultados de diversas pesquisas revelam um recorte geográfico quanto ao uso do imperativo. Temos de um lado a região Nordeste, em que predomina o imperativo associado à forma subjuntiva. De outro lado, encontram-se as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, nas quais predomina o imperativo associado à forma indicativa, com percentual acima de 90%, como pode ser visto no Gráfico 02, com as devidas referências.

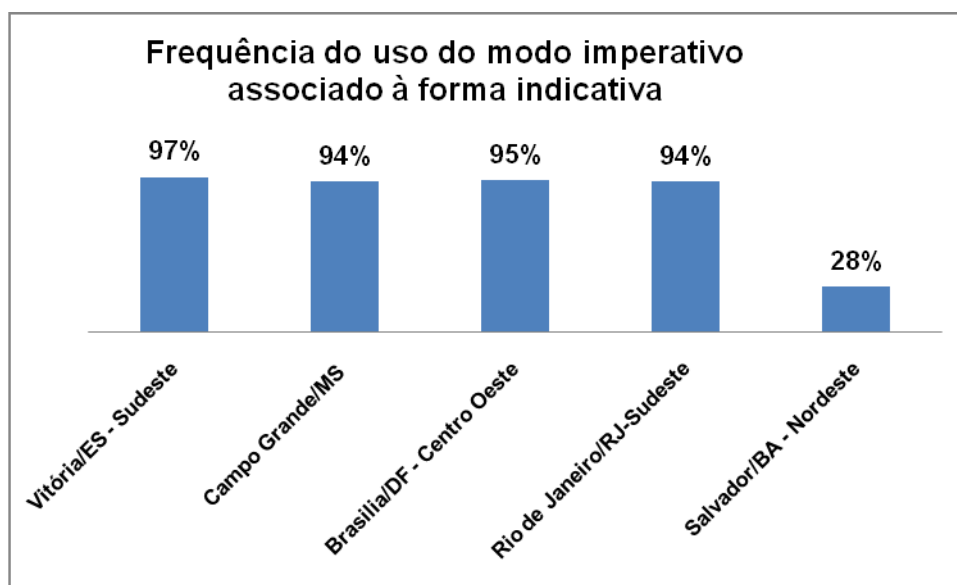


GRÁFICO 2 - FREQUÊNCIA DO USO DO MODO IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA – DADOS DA FALA DE VITÓRIA/ES (EVANGELISTA, 2010), CAMPO GRANDE/MS (LIMA, 2005), BRASÍLIA/DF (SCHERRE ET ALII, 1998), RIO DE JANEIRO/RJ E SALVADOR/BA (SAMPAIO, 2001).

Vale frisar que a comparação feita foi com base nos resultados de pesquisas realizadas em capitais e, portanto, não devem ser entendidas como representação do uso de imperativo dos estados como um todo, que podem não se comportar da mesma forma que as respectivas

capitais. Essa ressalva deve-se aos resultados de pesquisas feitas em cidades do interior, as quais revelam que o recorte geográfico, apresentado nos resultados das capitais, não se confirma quando comparados os resultados obtidos nas cidades do interior, em especial no estado da Bahia (SCHERRE, 2009).

Nas 34 entrevistas do PortVIX, dos fatores controlados, sexo/gênero, escolaridade, faixa etária, discurso reportado, vocativo, marcador discursivo e polaridade da estrutura, somente este se mostrou estatisticamente significativo.

Esse fator releva uma tendência da polaridade negação pré-verbal em confirmar a tradição gramatical, que prevê nas estruturas de negação pré-verbal apenas o uso do imperativo associado ao subjuntivo. A frequência de 98% do imperativo na forma indicativa em construções afirmativas e a de 82% do imperativo na forma indicativa em construções de negação pré-verbal mostram que estas últimas construções desfavorecem relativamente o uso da forma associada ao indicativo (TABELA 02).

TABELA 2 – EFEITO DA POLARIDADE DA ESTRUTURA NO USO DO IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA – DADOS DE VITÓRIA/ES. (ANÁLISE COM FATORES AMALGAMADOS E DADOS DE CONTEXTO DE EFEITO CATEGÓRICO ELIMINADOS).

Fatores	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos selecionados
Estruturas afirmativas	224/228 = 98%	0,52
Estruturas negativas pré-verbais	9/11 = 82%	0,11
Total	233/239=97%	

Os resultados acima ratificam a estrutura negativa pré-verbal como um forte fator de restrição ao uso do imperativo associada à forma indicativa, fato já atestado pelas pesquisas feitas em outras localidades.

Sampaio (2001, p. 111-112), em pesquisa em dados do Rio de Janeiro/RJ, verificou que a estrutura negativa indica um expressivo desfavorecimento do imperativo associado à forma indicativa, com peso relativo de 0,12. Nos dados de Salvador/BA, os percentuais de 20% de uso da forma associada ao indicativo e de 80% associado à forma subjuntiva em estruturas negativa não foram estatisticamente significativos. Entretanto, em termos de

tendências, esses resultados reforçam a estrutura negativa como um forte fator de restrição de uso do imperativo associado à forma indicativa (SAMPAIO, 2001, p. 96-97).

Resultados semelhantes foram obtidos nos dados da cidade de Campo-Grande/MS. Ainda que não estatisticamente significativos, apontaram tendências verificadas em outras pesquisas, isto é, a de que a estrutura negativa pré-verbal tende a desfavorecer o uso do imperativo associado à forma indicativa (LIMA, 2005, p. 80). Podemos visualizar esses resultados na Tabela 03.

TABELA 3 - EFEITO DA POLARIDADE DA ESTRUTURA NO USO DO IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA – DADOS DE VITÓRIA/ES (EVANGELISTA, 2010), RIO DE JANEIRO/RJ E SALVADOR/BA (SAMPAIO, 2001), CAMPO GRANDE/MS (LIMA, 2005).

Localidade	Porcentagem da forma indicativa nas estruturas negativas pré-verbais	Média global de estruturas na forma indicativa
Vitória/ES	82%	97%
Rio de Janeiro/RJ	78%	94%
Salvador/BA	20%	28%
Campo Grande/MS	24%	94%

Os resultados apresentados acima reafirmam que, mesmo um ambiente de quase invariância, como o caso de Vitória/ES, a negação pré-verbal confirma-se como um fator desfavorecedor do imperativo associado à forma indicativa.

No Brasil, pesquisas acerca desse fenômeno em textos escritos sem formato de diálogo têm sido feitas por Scherre et al (1998) e Scherre, Andrade & Melo (2008); e na escrita com a presença de diálogo por Scherre (2003; 2004; 2008)⁴, Cardoso (2004) e Andrade, Melo & Scherre (2007) com o propósito de fazerem análises sobre a inserção da variação de uso do imperativo gramatical no texto escrito.

Na nossa análise da escrita também confirmamos algumas regularidades que apontam tendências no que diz respeito ao uso do imperativo no português brasileiro. Nossa amostra se constituiu de textos escritos sem formato de diálogo e textos escritos com formato de diálogo.

⁴ Scherre (2005, p. 123-125) faz uma síntese de diversos trabalhos desenvolvidos por alunos da UnB em 2000 e 2002, quando se iniciaram os trabalhos sobre a variação do imperativo na escrita com diálogo.

Vale ressaltar que o contexto discursivo dos dados a escritos analisados é também exclusivamente o do pronome *você*, uma vez que na amostra não encontramos o pronome *tu*.

Os dados que apresentaram o imperativo associado à forma indicativa na escrita sem formato de diálogo confirmam pesquisas já realizadas por Scherre (2003; 2004; 2007; 2008), nas quais se constatou que o uso do imperativo associado à forma indicativa ocorre predominantemente quando da presença das âncoras discursivas (presença de um vocativo e ou a de pontos de exclamação).



Figura 1 - Propaganda do Governo do Estado do Espírito Santo para incentivar a emissão de notas fiscais (2010).

Tomando como exemplo a figura 1, se empregássemos a forma associada ao indicativo: “Nota fiscal. Pede sempre”, haveria a possibilidade de preenchimento do sujeito com o pronome *ela*, o que levaria a uma leitura assertiva e não diretiva, ou seja, a estrutura poderia ser entendida como indicativa, uma vez que no imperativo essa posição permanece apagada (SCHERRE et al, 2008). Já a frase “Me dá, me dá, me dá a nota!” é um *jingle*, isto é,

um slogan que tem como foco a sedução do destinatário, ou seja, são estratégias construídas para seduzir o público-alvo, simulando a fala⁵.

Com base nos resultados, confirmamos que o uso do imperativo associado à forma indicativa (*fala/dá/vem*) na escrita sem formato de diálogo é constatado predominantemente na presença das âncoras discursivas, nos termos de Scherre (2007, p. 213) e Scherre et al (2008): vocativos, exclamações, balões, rimas, ícones. E que na escrita sem diálogo há predominância do imperativo associado à forma subjuntiva (*fale/dê/venha*), o que segundo Scherre et al (1998) se deve a uma questão sintática, pois esta forma garantiria a interpretação do imperativo, impedindo, consequentemente, uma eventual interpretação assertiva.

Entretanto, encontramos um fato interessante no uso do imperativo associado à forma indicativa no lema da bandeira do Estado do Espírito Santo:



Figura 2 - Bandeira do Estado do Espírito Santo

que seria uma adaptação de um lema jesuíta (“Trabalha como se tudo dependesse de ti, e confia, como se tudo dependesse de Deus”). Embora não haja a presença de âncoras discursivas, a leitura diretiva do texto parece não ser prejudicada pelo uso da forma indicativa, ao menos na intuição de uma falante nativa, que conhece o contexto discursivo de produção do lema da bandeira. Vale frissar que estamos nos referindo a intuição linguística contemporânea e não ao contexto discursivo da época em que foi criada. Nesse sentido, aqui cabe uma reflexão acerca do lema, será que esse elemento não seria também uma espécie de âncora cultural? Mas isso é assunto para pesquisas futuras.

⁵ CARRETA, Álvaro Antonio. A forma da canção nas esferas discursivas. In: *Estudos Linguísticos*. São Paulo 37 (3) 17-24, set-dez. 2008. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_02.pdf> Acesso em 15 mar. 2010.

Embora nossos dados não sejam muitos, a análise mostra que a maior ocorrência do imperativo associado à forma subjuntiva em texto sem formato de diálogo talvez se deva a razões sintáticas, ou seja, pela possibilidade de preenchimento da posição de sujeito se o imperativo estivesse na forma indicativa, fato atestado, como já dito anteriormente, por Scherre et al (1998, 2000); Scherre (2002, 2003, 2004, 2006, 2007). Contudo, ainda não podemos atestar até que ponto é possível dissociar a alternância do uso imperativo da questão da escolha do pronome sujeito. Paredes e Silva; Santos; Ribeiro (2000) em seu estudo sobre a variação na segunda pessoa, o pronome sujeito, e a forma do imperativo levantam a hipótese de o imperativo ter aparecido antes do uso do *tu* explícito na fala carioca. Fica claro que a relação entre o uso do imperativo e a escolha do pronome sujeito é um assunto ainda a ser pesquisado.

TABELA 4 - ANÁLISE QUANTITATIVA DO USO DO IMPERATIVO EM FUNÇÃO DAS ÂNCORAS DISCURSIVAS: TEXTOS ESCRITOS SEM FORMATO DE DIÁLOGO NOS DADOS DE VITÓRIA/ES.

Forma associada ao indicativo	Número de ocorrências/total	Pesos relativos
Com âncoras discursivas	8/10	0,98
Sem âncoras discursivas	2/58	0,33
Total	10/68	

O resultado da análise dos dados das tirinhas *Marly* não atendeu nossa expectativa: de que houvesse ocorrido uma mudança na escrita com formato de diálogo, refletindo uso do imperativo observado na fala da cidade de Vitória/ES. Mesmo diante desse fato (apenas 36% de imperativo associado ao indicativo), o interessante foi perceber que *Marly* se configura, no que diz respeito ao imperativo, como a personagem feminina mais capixaba das tirinhas, pois o peso relativo de estruturas imperativas associadas ao indicativo na voz desta personagem foi de 0,560, em oposição ao peso relativo na voz da personagem *Creuzodete*, de 0,252. Contudo, o peso relativo 0,826 na fala do papagaio Prepúcio, embora com base em poucos dados, também reflete a fala capixaba, até mais que a própria *Marly*, fato que merece ser pesquisado futuramente com mais dados.

(1) “Xumbrega! Me **DEIXA** em paz! Tenho compromisso com Obama, com o Obama, tom Cruise, Amaro Lima, O Brad Pit!” (Marly)

(2) “Marly, **FAÇA** plástica e **FIQUE** linda! **LEVANTE** o nariz, **ALISE** o pescoço, **PUXE** os olhos...**LEVANTE** os peitos, a bunda, **ENCOLHA** a barriguinha e...” (Creuzodete)

Ao analisar a mídia televisiva, nossa hipótese era a de que o estilo mais ou menos popular do telejornal seria uma variável estatisticamente significativa no uso das variantes do imperativo: mais popular, mais imperativo na forma indicativa (*fala/vem*); menos popular, mais imperativo na forma subjuntiva (*fale/venha*).

Todavia, essa hipótese não se confirmou, pois os resultados percentuais são praticamente iguais nos dois programas: *Balanço Geral* (estilo mais popular) com 42%; e *Tribuna Notícias* (estilo menos popular) com 41%. Além disso, esta variável não foi considerada estatisticamente significativa.

O fator que mais influenciou nos resultados dos programas foi a presença do diálogo, favorecendo fortemente o imperativo na forma indicativa: 86%, com peso relativo de 0,925. Na ausência de diálogo, o percentual foi de 18%, com peso relativo de 0,208 de imperativo na forma associada ao indicativo. Diante desses fatos, revolvemos fazer uma tabulação cruzada entre os programas e o fator presença/ausência de diálogo.

TABELA 5 – EFEITO DO CRUZAMENTO ENTRE TIPO DE PROGRAMA E PRESENÇA/AUSÊNCIA DE DIÁLOGO EM RELAÇÃO AO IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA EM TERMOS PERCENTUAIS.

Fatores	Nº de ocorrência associada à forma indicativa/Total	Porcentagem de imperativo associado ao indicativo
<i>Balanço Geral</i> com diálogo	26/32	81%
<i>Balanço Geral</i> sem diálogo	14/63	22%
<i>Tribuna Notícias</i> com diálogo	12/12	100%
<i>Tribuna Notícias</i> sem diálogo	1/20	5%
Total	53/127	42%

Os resultados são contundentes nos dois programas, com uma diferença entre os dois fatores bastante significativa: um percentual de cerca de 86% na presença de diálogo e um percentual da ordem de 18% na ausência de diálogo em relação ao uso do imperativo associado à forma indicativa. Em síntese, verificamos que a presença do diálogo é um fator mais forte que o tipo de telejornal, ou seja, em relação à média de 42%, ambos os programas apresentam aumento de forma imperativa associada ao indicativo na fala com diálogo de 81%, no *Balanço Geral*, e 100%, no *Tribuna Notícias*, e diminuição na fala sem diálogo, respectivamente, com 22% e 5%.

Os resultados acima mostram que, nas situações de evento de fala com maior presença de diálogo, maior é a probabilidade de uso do imperativo associado à forma indicativa e quanto menor a presença de diálogo, menor o uso de formas imperativas associadas ao subjuntivo. Esse fato foi levantado por Lima (2005) quando controlou o traço de formalidade de evento em estudo sobre o imperativo gramatical na cidade de Campo Grande/MS. Nesse estudo, a hipótese da autora foi refutada, a de que o que estaria em jogo seria o traço [+formalidade] do evento de fala. Lima (2005) controlou a variável [+/-] formalidade de eventos de fala em programas da mídia televisiva e de rádio, cultos religiosos e em aulas do ensino fundamental, médio, superior e aulas não institucionais (aula de informática e de escola bíblica). O resultado foi interessante, pois pesquisadora percebeu que os programas televisivos, independentemente do traço de [+formalidade], tendem a desfavorecer o uso do imperativo associado à forma indicativa, com pesos relativos abaixo de 0,50: programa de TV comunitário o peso relativo foi de 0,45 ($14/34 = 41\%$) e programas jornalísticos, propaganda de TV e rádio 0,08 ($11/83 = 18\%$). Já em relação às aulas, a autora notou um favorecimento do imperativo associado à forma indicativa nas aulas de ensino médio com peso relativo de 0,85 ($10/11 = 91\%$) e ensino superior 0,73 ($12/14 = 86\%$). Porém o que chamou a atenção de Lima (2005, p.50) foi o resultado das aulas de ensino fundamental, em que o peso relativo de 0,34 ($14/28 = 50\%$) foi bem menor se comparado aos das aulas de ensino médio e superior (LIMA, 2005, p. 54), ou seja, foi desfavorecedor do imperativo associado ao indicativo. Esses resultados aventaram outras possibilidades. A autora voltou aos dados e percebeu que o que estava em jogo na variação do imperativo gramatical nos eventos acima era a maior ou menor presença de diálogo. É importante dizer que as aulas de ensino fundamental que serviram de amostra para a pesquisa de Lima (2005, p. 56) eram aulas em que o professor apresentava o conteúdo de forma instrutiva.

Considerações finais

Nossos resultados confirmam, de forma contundente, alguns fatos já revelados em outras pesquisas e traz resultados novos na análise dos dados da mídia televisiva.

No aspecto geográfico, os resultados desta pesquisa se aproximam dos resultados encontrados na oralidade nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, as quais apresentam percentuais acima de 90% de uso do modo imperativo associado à forma indicativa e se afastam dos resultados da região Nordeste. Na fala da Vitória/ES, com base nos dados do PortVIX, encontramos um percentual de 97% de uso do imperativo associado à forma indicativa, contexto de quase invariância. Aos comprarmos mais detalhadamente os resultados da fala da cidade de Vitória/ES com os resultados das cidades do Rio de Janeiro/RJ (Sudeste) e de Salvador/BA (Nordeste), percebemos um fato interessante: a cidade de Vitória se alinha com a do Rio de Janeiro quanto ao uso do imperativo, porém, quanto ao uso do pronome de segunda pessoa, alinha-se com a cidade de Salvador, que também é de contexto exclusivo de pronome *você*.

Esses dados confirmam os resultados de outras pesquisas sobre a variação do imperativo brasileiro, de que o aspecto geográfico é decisivo na alternância do imperativo, não sofrendo influência de marcas sociais como outras alternâncias, a saber, por exemplo, concordância nominal e verbal. Foi possível verificar mais uma vez que a relação entre os pronomes *tu* e *você* e o imperativo gramatical não é muito evidente nos dados de fala analisados, visto que, na cidade Vitória, onde o contexto é exclusivo de pronome *você*, há predominância do uso do imperativo associado ao indicativo.

Os resultados da amostra de Vitória/ES são quase categóricos, apontando para uma mudança no uso do imperativo gramatical na fala. Além de comprovar a variação diatópica do imperativo no português brasileiro, a pesquisa evidenciou que a estrutura negativa é um fator que desfavorece o uso do imperativo associado à forma indicativa. Esse fato foi observado em todos os corpora analisados nesta pesquisa: fala, escrita sem formato de diálogo, nas tirinhas de *Marly* e na mídia televisiva. Isso significa que, em termos de tendências, o resultado confirma a tradição gramatical que prevê em estruturas negativas o uso do imperativo associado à forma subjuntiva.

Na escrita sem formato de diálogo, confirmamos os resultados de Scherre (2003; 2004; 2006, 2007, 2008) de que o uso do imperativo associado à forma indicativa ocorre predominantemente com a presença das âncoras discursas (balões, pontos de exclamação, vocativos, ou ícones que remetam a fala) com o peso relativo robusto de 0,98 favorecendo as

formas imperativas associadas ao indicativo quando há âncoras discursivas. A ausência de âncora discursiva desfavorece o imperativo associado ao indicativo com um peso de 0,33. A diferença entre estes dois fatores é grande: 65 pontos.

Com a análise da escrita em formato de diálogo, com base nos dados identificados nas tirinhas de *Marly, a solteirona*, nosso objetivo principal foi o de verificar se, num espaço temporal de aproximadamente 35 anos, houve a inserção do imperativo associado à forma indicativa na escrita, caracterizando uma mudança em progresso nessa modalidade. Contudo, o autor Milson Henriques não reflete nas tirinhas o uso do imperativo observado na fala da cidade de Vitória/ES. Mesmo diante desse fato, o interessante foi perceber que *Marly* se configura, no que diz respeito ao imperativo, como a personagem mais capixaba das tirinhas, pois o peso relativo de estruturas imperativas associadas ao indicativo na voz da personagem foi de 0,560.

Na análise dos dados de mídia, ao analisarmos a presença ou ausência do diálogo, constatamos que esse é um fator que favorece fortemente o uso do imperativo associado à forma indicativa. Mesmo se tratando de uma fala mais planejada, como é o caso dos jornais televisivos, nas situações de diálogo face a face, a tendência é favorecer as sentenças imperativas associadas ao indicativo, fato também percebido por Lima (2005) na análise da mídia da cidade de Campo Grande /MS.

Por fim, devemos ressaltar que esses fatores somente apresentaram efeito quando analisados sob foco da interação social, pois foi a observação da interação do evento comunicativo que nos possibilitou controlar determinadas variáveis em quatro *corpora* a fim de entender melhor as restrições e motivações da alternância do imperativo em situação de uso, ou seja, em eventos comunicativos, sejam falados ou escritos.

Referências⁶

ANDRADE, C. Q.; MELO, F. G. de; SCHERRE, M. M. P. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. *Finos Leitores*. Brasília: Jornal de Letras do UniCEUB. Ano 3, número 1, agosto de 2007. Disponível em <<http://www.uniceub.br/periodicos/default.asp>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

⁶ Nota ao leitor: relacionamos somente as referências citadas neste artigo, para obter todas as referências utilizadas na dissertação vide a mesma.

CALMON, Elba. Variação entre *tu*, *você* e “*cê*”: primeiras análises da fala capixaba (cidade de Vitória) (no prelo). In: comunicação na *VI Semana de Pesquisa em Letras*, na Universidade Federal do Espírito Santo. Setembro de 2009.

CARDOSO, D. B. B. *Variação no uso do modo imperativo*: análise de dados em textos de José J. Veiga. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

CARDOSO, D. B. B. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FARACO, C. A. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. In: *D.E.L.T.A.*, v. 2, n. 1, 1986.

FARACO, C. A. O tratamento *você* em português – uma abordagem histórica. *Fragmenta*. Curitiba, n. 13, p. 51-82. Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). 1996.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa*: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HENRIQUES, Milson. *Marly mostra quase tudo...*, 2006 (produção independente)

JESUS, Etel Teixeira de. *O Nordeste na mídia e os estereótipos*: estudo do imperativo na novela *Senhora do Destino*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letra, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. 3. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1991.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Sampaio. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, D. P. S. *O uso do imperativo na fala de Campo Grande - MS*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Definição e funcionalidade. In: Dionísio, Ângela Paiva; Machado A, R.; Bezerra, M. A (orgs.) *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MOLLICA, M.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução sociolinguística* – o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo, Contexto, 2007.

PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. 1988, inédito.

SAMPAIO, D. A. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Letras). Salvador: UFBA: 2001.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: Newmeyer, Frederick J. (Ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York, Cambridge University Press, 1988a.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTHEIER, Klaus J. (eds.) *Sociolinguistics – An international handbook of the science of language and society*. Berlin/ New York, Walter de Gruyter, 1988b, p. 984-98.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. *Papers in Sociolinguistics*. NWAVE-26 à l'Université Laval (Québec): Nota Bene. 1998. p. 63-72.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2002). A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, p. 217-251.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, Denize Elena Garcia; LARA, Gláucia Muniz Proença; MENEGAZZO, Maria Adélia (orgs.). *Estudos de linguagem: inter-relações e perspectivas*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2003. p. 117-191

_____. Normas e usos: o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Orgs). *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Madrid: Iberoamericana, 2004. p. 2331-260.

_____. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. In: *Alfa*, São Paulo, 51 (1)p. 189-222, 2007.

_____. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, Sebastião RONCARATI, Cláudia. *Antony Julius Naro e a Linguística no Brasil – uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2008, p. 306-319.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. (2005). O imperativo gramatical no português brasileiro - uma discussão translinguística. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2005, Brasília. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*. Brasília: Publicação eletrônica: www.abralin.org, 2005. v. 1, p. 505-509.

SCHERRE, Maria Marta P.; NARO, Anthony J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. Cecília & BRAGA, M. Luíza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 147-177.

SCHERRE, Maria Marta P.; ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Glaucia de M. *O imperativo gramatical na escrita não-dialógica* - o papel das âncoras discursivas no português brasileiro. 2009. XV Congresso Internacional da ALFAL; Universidad de la Republica. (Comunicação). De 18 a 21 de agosto de 2008; Montevideo (Uruguai)

SCHERRE, Maria Marta P. *Análise e mapeamento de três fenômenos variáveis no português brasileiro*. Projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq para o quadriênio: Março de 2010 a Fevereiro de 2014. Vitória: UFES, 2009.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysaing sociolinguistic variation*. Cambridge: University Cambridge Press, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (Tradução de Marcos Bagno; Revisão Técnica e apresentação de um clássico de Carlos Alberto Faraco; Posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte). São Paulo: Parábola, 2006 (Original publicado em 1968).

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, 1975, p.95-199

YACONVENCO, L. C. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: LINS, M. P. P.; YACONVENCO, L. C. (Orgs) *Caminhos em linguística*. Vitória: NuPLES/DLL/UFES, 2002.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. O português falado na cidade de vitória: transcrição de entrevistas. Lilian Coutinho Yacovenco (DLL/UFES). *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, número especial 26, Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2001 (publicado em 2003), p. 301-303. ISSN 0102-7158.